

CULTURA E NEOCOLONIALISMO EM *O VELHO E O MAR*, DE ERNEST HEMINGWAY: UMA ANÁLISE PÓS-COLONIAL¹

Culture and neo-colonialism in The Old Man and the Sea, by Ernest Hemingway: a Post-Colonial analysis

Ferdinando de Oliveira FIGUEIRÊDO
Universidade de Pernambuco
ferdinando_oliveira@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5546-8650>

RESUMO: Vencedor do Prêmio Nobel de Literatura pela obra *O velho e o mar* (1952), Ernest Hemingway (1899-1961) foi um escritor que, pela sua narrativa clara, objetiva e baseada em algumas de suas experiências pessoais, é considerado um autor relevante na literatura norte-americana. Apesar de não ser o foco narrativo de sua prosa, é possível identificar aspectos referentes ao imperialismo a partir de quando se aplica a estratégia de releitura pós-colonial no texto literário (Bonnici, 2000), sobretudo na influência do neocolonialismo na formação cultural do Outro enquanto sujeito colonizado. Desse modo, a proposta deste artigo é apresentar *O velho e o mar*, cuja abordagem se baseia nos Estudos Pós-coloniais, em vista dos aspectos culturais americanos e cubanos que, no decurso narrativo, são frequentemente ilustrados. No referido texto, a existência de elementos alusivos aos Estados Unidos e à Cuba no comportamento e vivência dos personagens são fundamentais para a interpretação dos fatores que, de certa forma, representam uma sociedade híbrida no que se refere à formação de sua identidade cultural. Ilustram-se, assim, imagens de seres humanos determinados pelas ordens neocoloniais, leitura esta que dialoga com a ótica adotada para análise de produções literárias situadas em países afetados pela prática colonial.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Neocolonialismo; Pós-Colonialismo; Ernest Hemingway.

ABSTRACT: Winner of the Nobel Prize for Literature for *The Old Man and the Sea* (1952), Ernest Hemingway (1899-1961) was a writer whose clear and objective narrative based on some of his personal experiences helped him to be considered as an important author in North-American literature. Despite not being the narrative focus of his prose, it is possible to identify aspects of imperialism when the strategy of post-colonial re-reading is applied on the literary text (Bonnici, 2000), especially in the influence of neo-colonialism on the cultural formation of the Other as a colonized subject. Thus, the purpose of this article is to present *The Old Man and the Sea*, whose approach is based on Postcolonial Studies, in view of the American and Cuban cultural aspects that

¹Estudo proveniente de pesquisa dissertativa realizada durante o curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI-UEPB).

are frequently illustrated in the narrative. In the text, the existence of elements alluding to the United States and Cuba in the behavior and experience of the characters is fundamental to interpreting the factors that, in fact, represent a hybrid society in terms of the formation of their cultural identity. That illustrates images of human beings determined by neo-colonial orders, and this reading dialogues with the perspective adopted to analyses of literary productions located in countries affected by colonial practices.

KEYWORDS: Culture; Neo-Colonialism; Post-Colonialism; Ernest Hemingway.

INTRODUÇÃO

Em termos gerais, o neocolonialismo representa uma prática exercida por ex-potências coloniais e emergentes – a exemplo dos Estados Unidos – que significou um papel singular e decisivo nas culturas e economias de países subdesenvolvidos através de instrumentos inovadores de controle indireto. Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (2007) destacam que essas formas de domínio são expressas por realidades diversas como o desempenho dos organismos monetários internacionais sobre a economia nacional, o poder das multinacionais localizadas nas nações subservientes ao regime neocolonial, a fixação de produtos e preços pertencentes à metrópole e que são comercializados nesses países, dentre outras formas de supercontrole colonial.

Efetivamente o neocolonialismo é um aspecto mais difícil de identificar do que o controle direto anteriormente exercido pelo imperialismo europeu, em vista de que o neocolonialismo passou a ser empregado a qualquer método de autoridade das ex-colônias após obterem sua independência política. No caso das relações entre EUA e Cuba, a ação neocolonial foi evolutivamente determinada, à medida que o território cubano se tornou uma área elementar para a consolidação do governo norte-americano como uma república neoimperialista. Para Luiz Bandeira (2009), modernizar os EUA era uma meta necessária a ser alcançada e, na primeira metade do século XX, Havana e outras partes de Cuba foram fundamentais para adquirir essa condição refletida por diversos mecanismos, em especial na economia – com a integração de uma prática capitalista imperial que divergiu intensamente com o comunismo cubano na década de 1950 – e na sua estabilidade cultural, com a desintegração da cultura pela implementação de elementos referentes ao cotidiano norte-americano.

Por meio desse debate contextual, o referido estudo tem como objetivo abordar o romance *O velho e o mar* (1952), do escritor norte-americano Ernest Hemingway, com base na estratégia de releitura pós-colonial, cuja análise consiste em “[...] uma maneira de ler os textos literários para revelar suas implicações no processo colonial” (Bonnici, 2005, p. 52). Vencedor do Prêmio Nobel de Literatura pela publicação da obra, o autor apresenta a saga do velho pescador Santiago que, após passar 84 dias sem pescar um só peixe, consegue obter uma espécie de tamanho incomum. Ao aplicar a releitura pela teoria pós-colonial, é possível identificar elementos que remetem ao neocolonialismo norte-americano sobre Cuba, uma vez que esse

regime político fez parte da trajetória de Hemingway no período pelo qual ele viveu parte de sua vida (Gray, 2004).

Para tanto, é necessário fazer uma revisita a outros textos de Hemingway que, similares a *O velho e o mar*, apresentam possibilidades de aplicação de leituras pós-coloniais sobre essas narrativas. Isso, de certa forma, soma-se à habilidade característica do autor em trazer obras com uma linguagem clara e objetiva – herança de seu trabalho exercido como jornalista durante sua trajetória em vida –, além de expressar fielmente aspectos voltados para as fraquezas e vitórias humanas permeadas por cenários hostis que remetem a panoramas reais experimentados pelo escritor ao longo de sua carreira literária.

O PÓS-COLONIALISMO NAS NARRATIVAS DE ERNEST HEMINGWAY

Após uma leitura das obras de Hemingway, é possível perceber a integração de contextos que permitem a observação dos textos pela perspectiva pós-colonial. De fato, isso pode ser consequente da habilidade frequente do autor em ilustrar cenários aproximáveis de realidades pelas quais ele experienciou ao longo de sua vida. Além disso, produções literárias norte-americanas potencializam a aplicação de uma abordagem poderosa pelos Estudos Pós-coloniais bem como das regiões políticas significativamente influenciadas pelo imperialismo político ou cultural dos EUA ou de países europeus que exerceram tal prática para sua evolução econômica e social (Madsen, 2013). Para expor essa percepção, consideram-se as narrativas em *Paris é uma festa* (1964), *Verdade ao amanhecer* (1999), e no conto *As neves do Kilimanjaro* (1932).

Em *Paris é uma festa* – livro de memórias sobre a estadia de Hemingway em Paris – o autor apresenta a aversão que um de seus companheiros da chamada “Geração Perdida”², o escritor F. Scott Fitzgerald, possuía com relação a outras nações. Como exemplo, expõe-se o seguinte excerto:

[...] Nesse tempo, Scott odiava os Franceses e, uma vez que os únicos franceses que ele via com frequência eram criados que ele não compreendia, motoristas de táxi, empregados de garagens e senhorios, dispunha de muitas oportunidades de os insultar e tratar mal.

² Termo empregado para especificar um grupo de escritores norte-americanos que viveram em Paris no período após Primeira Guerra Mundial (1914-1918) com o propósito de se distanciarem das consequências geradas pelo conflito global nos Estados Unidos, como a crise econômica da Grande Depressão.

Ainda odiava mais os italianos do que os franceses e jamais conseguia falar deles com calma mesmo quando não estava embriagado. Às vezes, também odiava os ingleses, mas outras vezes tolerava-os e até, de longe em longe, lhe concedia alguma atenção [...] (Hemingway, 2000, p. 99).

Como revela o trecho, cidadãos oriundos de países como França, Itália e Inglaterra sofrem uma avaliação ínfima por parte de Fitzgerald, logo destacada pelo narrador. Sabe-se que esses países, além de Japão, Rússia, dentre outros, foram potências fundamentais para a definição do mundo por meio da prática colonial (Smith, 2000). De fato, Fitzgerald, enquanto cidadão norte-americano, é vítima do imperialismo, já que sua nação foi colonizada pela Inglaterra. Porém, é necessário observar que, na percepção apresentada, o grau de antipatia pelos ingleses não se compara com relação ao sentido pelos outros cidadãos citados, mesmo que o império tenha sido o agente que mais contribuiu para moldar os EUA como colônia, pois estabelece o sujeito britânico a um nível superior de afeição em vista de outras nações. Nesse sentido, talvez o que se sobreponha seja o comportamento de recusa das diferenças culturais – um traço típico do caráter colonial –, especialmente na linguagem, uma vez que, dentre as nacionalidades mencionadas, a inglesa representa a que mais se aproxima do indivíduo americano.

Considerado um texto híbrido ao mesclar autobiografia e ficção, *Verdade ao amanhecer* traz uma escrita de viagem situada em um contexto africano. Nela, a questão da linguagem é colocada à prova no que se refere ao status que o império exerce, de modo que a cultura exerce um papel metafórico sobre a ocupação que o poder colonial assume perante a sociedade colonizada. No fragmento seguinte, verifica-se esse aspecto ao narrar um breve diálogo com um dos membros de uma determinada comunidade africana:

[...] - Obrigado pela informação sobre os elefantes - disse eu - Está a chegar um avião daqui a pouco e vamos levar-te conosco para fazermos um levantamento dos prejuízos na tua *shamba*³ e tentarmos localizar os elefantes. Vais mostrar-nos onde fica a tua *shamba* e quais foram os prejuízos ao certo.

[...]

- Mas nunca voei, sir. E posso ficar doente.

- Enjoado - disse eu - Não doente. Tem de se respeitar a língua inglesa. A palavra é enjoado (Hemingway, 2001, p. 49-50, grifos nossos).

³ Um tipo de sistema agroflorestal existente em países da África Oriental.

Observa-se, acima, que o narrador corrige um termo utilizado pelo africano ao descrever sua condição ao viajar em aviões. Esse ato, por sua vez, sugere um modo de determinar o indivíduo tal qual a imagem colonial por meio da cultura, isto é, modificando-o a partir do idioma do império. Isso fez parte de toda a história da formação da África, uma vez que, conforme aponta Héctor Bruit (1987), a organização das sociedades africanas era uma das metas a serem alcançadas pela colonização, principalmente pelo comércio de escravos. No texto de Hemingway, sugere-se que o sujeito se torna também um “escravo”, mas dos moldes coloniais pela habilidade do narrador em educar o africano a partir da cultura idiomática do colonizador.

A produção literária, em sua configuração, atua como um encontro entre culturas, mas que, com base no modo como elas são tratadas, divide as expressões culturais devido ao valor que lhes é concedido no texto. Na obra de Hemingway, identifica-se como os EUA são acionados como padrão cultural no desempenho do indivíduo na habilidade linguística. Elleke Boehmer (2005) identifica esse aspecto como específico da pesquisa em literatura pós-colonial, visto que a linguagem do colonizador se torna a ferramenta mediadora do relacionamento entre o homem branco e os povos colonizados. Com isso, as relações do narrador com o africano em *Verdade ao amanhecer* expõem o encontro do patrimônio imperial com o colonizado enquanto fator determinante da língua inglesa, o que a torna uma cultura canônica a ser seguida e, consequentemente, expande-a para outros locais além da metrópole.

Em *As neves do Kilimanjaro*, o conto é desenvolvido a partir das memórias do protagonista – o escritor norte-americano Harry Street – e, durante o enredo, a narrativa destaca os personagens estrangeiros de forma depreciativa, e isso demonstra a representação da condição do Outro pelo narrador do texto. No trecho a seguir, explana-se uma das lembranças de Harry que envolve indivíduos de outras nacionalidades:

Nessa noite, sentindo tanto a sua falta que lhe parecia ter um vazio dentro de si, foi até perto do Maxim's local, abordou uma garota e a levou para jantar. Indo depois a um cabaré e vendo que ela dançava mal, trocou-a por uma vagabunda armênia [...]. Roubou-a, depois de um violento bate-boca com um soldado da artilharia britânica. O jovem artilheiro, enfurecido, desafiara-o para uma briga de rua, e lá se foram eles pela escuridão, escorregando nos paralelepípedos [...]. Conseguiu desferir dois socos atrás da orelha e depois o acertou com um direito ao afastá-lo [...] (Hemingway, 2011, p. 23-24).

No fragmento, percebe-se a inclusão de um termo pejorativo utilizado pelo narrador ao tratar da mulher armênia. Embora o papel dos gêneros seja uma discussão frequente na obra de

Hemingway – ilustrada por protagonistas masculinos sozinhos cujas relações com mulheres representam tanto um alívio quanto uma perda –, o modo como o narrador coloca a estrangeira enquanto objeto perante os personagens norte-americano e britânico se assemelha ao que o imperialismo realizava com a Armênia através da política colonial (Payaslian, 2007). Nesse caso, há uma intersecção entre as duas formas de opressão – de gênero e de etnia – e o sujeito oriundo do espaço colonizado é considerado subalterno pela autoridade colonial e sua manipulação ideológica. Tal situação é representada pelo discurso do narrador.

Outro aspecto a ser destacado é a integração de Harry como oponente de um soldado britânico, o que configura um retrato metafórico da antítese existente entre colonizado e colonizador. Em sua realização, o imperialismo consistiu em uma política que interferiu consideravelmente nos EUA, já que 68% dos investimentos britânicos foram destinados a áreas norte-americanas e, após a sua independência, permanece, até a atualidade, uma relação demarcada pela colonização, além de que os valores culturais do povo britânico foram espalhados para a nação americana e, em consequência, houve uma trajetória histórica e cultural paralela com a Grã-Bretanha (Johnson, 2003). É relevante mencionar que os americanos obtiveram a independência por meio de um rompimento com os ingleses e, logo, constituíram uma nação singular por ser um império proveniente de uma ex-colônia. Então, houve também uma necessidade da criação de uma identidade americana, de modo que algumas regiões que hoje compõem os EUA – como os estados da Carolina do Norte e de Lousiana – foram respectivamente colonizadas por outras potências europeias, como Holanda e França, o que também contribuiu para o surgimento de uma cultura diferente da inglesa.

Em vista disso, o texto em *As neves do Kilimanjaro* evoca essa disparidade entre os sujeitos como uma “[...] diversa qualidade de consciência histórica [...]” (Bosi, 1992, p. 57), especialmente pelo regime opressor instaurado pela Inglaterra na sociedade norte-americana. Ademais, a condição na qual o inglês está situado é um estado de superioridade pela sua posição enquanto militar e, nessa perspectiva, não se anula o estado de organização hierárquica gerada pelo contexto colonial do imperialismo.

Assim, os comentários traçados sobre os textos de Hemingway ilustram uma breve amostra de sua literatura vista pela ótica do pós-colonialismo. Ao expandir as análises construídas para as obras em sua completude, os estudos provêm inúmeras possibilidades de aplicação da abordagem pós-colonial em narrativas escritas pelo autor, com especial atenção

aos contextos e ideologias que se expõem mediante as relações entre colônia e império, em especial nos aspectos culturais que circundam a prosa do autor.

CULTURA E NEOCOLONIALISMO EM *O VELHO E O MAR*

Em *O velho e o mar*, há alguns fatores da teoria pós-colonial que podem ser aplicados sobre o texto, principalmente no modo como as culturas norte-americana e cubana são expressas pelos personagens como um indicativo dos contrastes entre o neo-império colonial e a colônia, além de expor o caldeamento resultante do fluxo cultural dos EUA em Cuba, cuja justaposição ocorre nas características da cultura do colonizador diante dos valores do nativo. Essa tensão entre as culturas se assemelha às considerações que Walter Mignolo (2000) desenvolve sobre a semiose colonial, isto é, a produção de sentidos gerados pela colonialidade, no sentido de que, no texto, é possível identificar conflitos entre duas manifestações locais e como elas são forçadas a atuar em outras realidades.

Na obra, isso se revela a partir da atuação dos personagens colonizados acerca da cultura da metrópole norte-americana, mesmo com a existência de resquícios da cultura nacional cubana. As divergências, portanto, se declaram a partir do discurso dos indivíduos e nas situações ilustradas ao longo do romance, o que opera uma diversidade de comportamentos individuais trazidos pela ficção em análise. Observar a pluralidade cultural corresponde a um dos focos do pós-colonialismo na literatura, e discutir sobre a multiplicidade de manifestações culturais é tratar da diferença, em vista que:

[...] a diversidade está dada, que ela preexiste aos processos sociais pelos quais — numa outra perspectiva — ela foi, antes de qualquer coisa, criada. Prefere-se, neste sentido, o conceito de “diferença”, por enfatizar o processo social de produção da diferença e da identidade, em suas conexões, sobretudo, com relações de poder e autoridade (Silva, 2000, p. 44-45).

Portanto, as desigualdades nas culturas se apresentam a partir de quando o domínio colonial declara a sua superior à do nativo e, com o propósito de anular essas diferenças, impõe sua identidade como o modelo padrão a ser seguido pela comunidade nativa e constrói novos sujeitos. Esse processo passa a ser determinado por atos de preconceitos originados no império perante as expressões culturais do indivíduo colonizado e, conseqüentemente, o colonizador posiciona sua cultura como aspecto primordial de implantação com a ideia de “civilizar” nações que se encontram externas aos modelos da elite colonial. Por isso, o legado cultural do povo

nativo é atingido por tentativas de anulação de tudo aquilo que não concorda com a ideologia do imperialismo.

Ao tratar do conteúdo ficcional referente às culturas, um dos elementos referentes a Cuba é a religião Católica. De acordo com Lars Schoultz (2000), o catolicismo, oriundo do colonialismo espanhol na ilha, foi um dos problemas que dificultou o diálogo dos EUA com as sociedades nativas, antes governadas pela Espanha. Isso ativou o contraste entre as crenças dos dois países, de modo que, enquanto os norte-americanos praticavam o protestantismo, mais da metade da população cubana era adepta do catolicismo. Na narrativa, a fé do cubano é imaginada pela postura de Santiago em meio à imensidão do mar, quando declara constantemente sua crença (Hemingway, 2013).

Desse modo, a Igreja Católica é posta evidentemente na narrativa por meio da expressão do pescador Santiago em relação à padroeira de Cuba, como o fragmento a seguir expõe: “- Não tenho grande religião – disse em voz alta. – Mas direi dez Padre-Nossos e dez Ave-Marias se pescar este peixe. Se o agarrar, prometo fazer uma peregrinação à Virgem de Cobre. Prometo” (Hemingway, 2013, p. 67). Contudo, existe um problema no texto-fonte quanto ao título da oração, pois o texto narrativo nomeia essa oração como *Our Father* [“Pai-Nosso”, tradução nossa] e, no inglês norte-americano, essa oração tem como título *The Lord’s Prayer* [“A Oração do Senhor”, tradução nossa]. Logo, infere-se que o uso da primeira expressão significa uma estratégia da narrativa em apenas traduzir a oração do espanhol cubano, sem considerar o valor cultural e religioso que ela contém tal qual a crença norte-americana. Assim, a hegemonia colonial adquire espaço por meio do uso da linguagem como denominador da cultura periférica e “[...] é essa diferença no processo da linguagem que é crucial para a produção do sentido e que, ao mesmo tempo, assegura que o sentido nunca é simplesmente mimético e transparente” (Bhabha, 1998, p. 65).

Esse aspecto textual é comum do fenômeno da “transculturação”, processo pelo qual as práticas culturais das colônias e metrópoles são representadas sob a interferência da hierarquia instituída pelo império. Em *O velho e o mar*, ela é originada da “zona de contato” que se estabelece por meio do encontro entre a metrópole e a colônia durante o processo de colonização. Nele, povos dependentes ou marginalizados pelo colonizador se colocam a partir da cultura dominante, e o poder colonial emprega os elementos culturais da margem de forma redutora. Todavia, isso proporciona uma colisão entre os diversos componentes que definem a

cultura de cada um dos envolvidos no neocolonialismo norte-americano e, assim, trava-se uma luta onde cada um busca manter os traços que definem sua autenticidade enquanto indivíduo.

Conforme aponta Thomas Bonnici (2005, p. 59), “como a cultura é transmitida pelo grupo dominante para os grupos colonizados, estes podem selecionar, absorver e usar esse material cultural.” Portanto, a ação de Santiago em nomear a oração do Pai-Nosso como *Our Father* significa a apropriação da linguagem colonial unicamente para denominar a sua nomenclatura com base na expressão da língua nativa. Cabe, então, à teoria pós-colonial observar como a cultura da metrópole é recebida e interiorizada pelo nativo e como ela se expande nas colônias pertencentes ao império. Averigua-se, ainda, a forma como o Outro é moldado culturalmente pelo colonizador e sob quais possibilidades essas definições se apresentam para a sociedade colonial, tal como o texto literário em análise, que expõe um sujeito que utiliza a língua inglesa da metrópole para nominar um aspecto próprio da cultura da margem.

Nesse sentido, coloca-se como prioridade a compreensão do norte-americano, e a linguagem é o determinante cultural dos aspectos referentes à colônia. Portanto, a transculturação fornece à colonização essa chance de exercer a missão de “civilizar” o indivíduo nativo, e a cultura da comunidade periférica se torna um objeto nas mãos do poder imperialista que, insistentemente, apresenta e representa o cidadão tal como denominado pelas leis e estruturas próprias da autoridade colonial. Por conseguinte, a influência cultural obtida pela transculturação conduz ao retorno do debate sobre a identidade nacional. Enquanto a escrita pós-colonial traz uma forte estratégia para contornar o poder do império (Bernd, 2003), o romance propõe a construção de uma formação identitária heterogênea, ou seja, formalizada pelo poderio imperial e, da mesma forma, pelo patrimônio nativo, o que resulta na ilustração de um ser humano que, constantemente, se encontra em uma espécie de “entre-lugar”.⁴

O entre-lugar indica a própria situação do indivíduo em uma condição de dependência cultural e, conseqüentemente, as culturas se tornam objetos nulos de sua originalidade em razão do embate das expressões culturais do império e do nativo. Nesse caso, a pureza e a unidade, elementos pertencentes aos fundamentos da cultura de um povo, “[...] perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural [...]” (Santiago, 2000, p. 16) e, constantemente,

⁴ De acordo com Silviano Santiago (2000), a definição do termo “entre-lugar” está relacionada à condição do nativo que, devido à ação colonialista, revela um indivíduo construído pela mistura dos aspectos culturais derivados de si próprio e do colonizador, e resulta na produção de novas formas híbridas de expressão cultural.

o cidadão colonizado se torna envolvido profundamente nessa formação de novos modelos de sujeito, isto é, um ser híbrido construído pelas trocas de diferenças entre as peças envolvidas no sistema colonial.

Nesta mesma discussão das expressões culturais, outro aspecto que provoca reflexão é o beisebol, esporte americano cuja exposição é ilustrada como um modelo da inserção cultural dos EUA em Cuba. O velho Santiago e o garoto Manolin se revelam como amantes das expressões culturais pertencentes aos norte-americanos, e isso sugere uma consequência da imposição dos valores introduzidos pelo poder colonial. Além disso, o esporte é visível através do discurso dos personagens, um demonstrativo da construção do nativo a partir da identidade do colonizador. O pescador, por exemplo, expõe o quanto os objetos culturais impressos são afetados pela metrópole norte-americana, como mostra o seguinte excerto: “[...], tenho aqui o jornal de ontem e vou ler as notícias do beisebol” (Hemingway, 2013, p. 20). Posteriormente, Santiago e o garoto indicam como o esporte é um tema permanente nas suas conversas:

- Fale do beisebol – pediu o garoto.
- Na Liga Americana, os melhores são os Yankees, como eu já disse – respondeu o velho, muito satisfeito.
- Mas eles perderam hoje – informou o garoto.
- Isso não quer dizer nada. O grande DiMaggio está outra vez em forma.
- Mas há outros jogadores na equipe.
- Naturalmente, mas ele é que conta. Na outra Liga, entre o Brooklyn e o Philadelphia, escolho o Brooklyn [...] (Hemingway, 2013, p. 25)

Os times citados – Yankees, Brooklyn e Philadelphia – são oriundos dos EUA, e percebe-se que os personagens apresentam total conhecimento deste fator cultural pertencente à metrópole, produto do neocolonialismo exercido pelo imperialismo norte-americano. Isso provém da educação colonial imposta ao nativo, de modo que a ideologia e os costumes que lhe são instruídos não são aqueles de seu patrimônio original, mas que fazem parte do universo do império e que, como forma de garantir sua ascendência, transferem seus princípios aos povos colonizados (Memmi, 2007). Da mesma forma, o texto narrativo foca na cultura dos EUA ao comparar a espinha do grande peixe espadarte pescado por Santiago com um instrumento do esporte norte-americano, e relaciona essa parte do peixe como uma peça “[...] mais comprida do que um taco de beisebol [...]” (Hemingway, 2013, p. 64-65).

Santiago, durante a narrativa, sempre retorna aos EUA por meio do esporte norte-americano. Novamente, ele recorre à imagem do jogador DiMaggio como uma forma de afirmar

a sua masculinidade, tema recorrente na obra de Hemingway. Ao estar privado de informações sobre os resultados dos jogos por encontrar-se em alto-mar, o pescador reflete:

“Este é o segundo dia em que fico sem saber os resultados dos jogos”, pensou. “Mas preciso ter confiança e ser digno do grande DiMaggio, que faz tudo com perfeição mesmo com a dor da espora no osso do calcanhar [...]. Não creio que mesmo o DiMaggio pudesse aguentar a perda de um olho ou de ambos e continuar a lutar como o fazem os galos de briga. O homem não vale lá muito comparado aos grandes pássaros e animais. Eu por mim gostaria muito mais de ser aquele peixe lá embaixo na escuridão do mar” (Hemingway, 2013, p. 70-71).

Os EUA, portanto, tornam-se o patamar de excelência no que se refere à resistência, mesmo que, posteriormente, o personagem afirme que o homem norte-americano também possui suas restrições. No entanto, só o ato de direcionar sua reverência para um indivíduo pertencente ao império realiza uma ascendência do poder colonial diante da própria autonomia do indivíduo enquanto cidadão nacional e, portanto, “[...] no plano cotidiano expõe-se os sujeitos ao contato com subprodutos da cultura dominante que, usurpados alijados de seus fundamentos sensíveis, inibem o desenvolvimento de uma experiência cultural rica” (Lopes, 1995, p. 42).

O fascínio do personagem pelo esporte é expressivo a ponto de estar presente na sua mente no decorrer do trabalho em alto-mar. O trecho a seguir configura o pensamento constante de Santiago pela cultura da metrópole norte-americana: “Sentia-se agora muito cansado e sabia que a noite se aproximava e procurava pensar noutras coisas. Pensou nas ligas principais – para ele eram as *Gran Ligas*. Sabia que os Yankees de Nova York enfrentavam nesses dias os Tigres de Detroit” (Hemingway, 2013, p. 69, grifo do autor). Entretanto, o narrador distingue o vocabulário do velho pescador do seu, ao especificar o modo como o protagonista nomeia as ligas norte-americanas em espanhol como *Gran Ligas*. Percebe-se, então, que a narrativa institui uma diferença individual com relação a Santiago com a afirmação de limites perante a cultura periférica. A teoria pós-colonial acentua essa problemática na divisão entre as expressões culturais:

[...] cresce em quase todo o mundo uma consciência das linhas entre culturas, as divisões e diferenças que não só nos permitem diferenciar as culturas, como também nos habilitam a ver até que ponto as culturas são estruturas de autoridade e participação criadas pelos homens, benévolas no que abrangem, incorporam e validam, menos benévolas no que excluem e rebaixam (Said, 1993, p. 47-48).

A narrativa, portanto, atribui ao Outro, enquanto cubano colonizado, uma visão de distanciamento diante da representação da cultura nativa, e coloca-a continuamente em um estado de subalternidade. O império e o colonizado são mostrados como adversários na representação do indivíduo, já que a escrita colonial produz uma imagem do sujeito a partir das convenções impostas pela metrópole, e cabe ao nativo aceitar ou não esses modelos em vista da sua permanência na colônia. De certa forma, isso reforça a dominância que o poder exerce na representação cultural do colonizado, o que prevalece a interpretação colonial acerca das expressões dos povos subordinados ao sistema neoimperial. Por conseguinte, as imagens do patrimônio cultural nativo favorecem a criação de figuras heterogêneas entre espaços culturais e geográficos amplamente separados, além de ofuscar as diferenças e, por isso, o colonizador impõe um monopólio sobre o discurso do nativo (Boehmer, 2005).

De fato, não haveria nenhum problema de Santiago em se expressar na língua nativa pelo fato de ser cubano. Entretanto, os próprios pensamentos do velho pescador são esclarecidos e diferenciados diante do inglês norte-americano. A língua, portanto, realiza o papel de introduzir o vocabulário nativo como algo excêntrico ao conhecimento do leitor. Sobre o poder da linguagem no texto literário, considera-se a manipulação do idioma nativo como a base da aquisição da supremacia colonial, pois é a intervenção da nação estrangeira que coloca ordem na “anarquia” do país colonizado (Fanon, 1965), já que, na concepção do governo imperial, os povos precisam de uma organização pelas normas do (neo)colonialismo, seja em sua constituição cultural, econômica, política ou social.

Esse ato de se identificar enquanto sujeito oposto à cultura nativa também adquire espaço em outros trechos do romance. O narrador, por exemplo, afirma sua posição de não pertencente à comunidade de pescadores, grupo social ilustrado no texto, e isso é reforçado pelo modo pelo qual os protagonistas de Hemingway são comumente representados, isto é, homens solitários que não se encaixam na sociedade em que vivem. Na obra, esse elemento é evidenciado quando são expostos alguns dados sobre um tipo específico de peixes a partir da maneira como esses indivíduos tratam desses animais e, com efeito, promove-se uma distinção da voz narrativa com a dos pescadores, como se vê a seguir:

Os atuns – os pescadores chamavam assim a todos os peixes daquela espécie e só os diferenciavam pelos seus nomes próprios quando os vendiam ou os trocavam por isca – haviam de novo mergulhado e não mais eram vistos em nenhum lugar [...] (Hemingway, 2013, p. 44).

Essa situação ilustra o que a teoria pós-colonial define sobre a “alteridade”, analisada como “[...] ser o outro, ser diferente, manter a diversidade [...]” (Bonnici, 2005, p. 15). Gayatri Spivak (2010) associa o termo à palavra “outremização” que, no caso da obra, apresenta-se pela postura do narrador, que demonstra ser um sujeito externo à classe de pescadores, mas expressa ter conhecimento desse grupo particular de trabalhadores, isto é, o Outro. Todavia, por não ser um integrante daquela comunidade, não possui os mesmos hábitos linguísticos. Assim, o sujeito é construído com base nas distinções definidas pelo olhar colonial que, por mais que demonstre interesse pela cultura do nativo, exerce sobre o colonizado um tipo de exotismo “inferior” aos seus costumes imperiais.

Há, ainda, uma constante demonstração da condição de dependência dos modelos de cultura inseridos pelos EUA. No próximo excerto, Manolin dialoga com Santiago acerca de alguns produtos enviados por Martin, proprietário de um estabelecimento do povoado onde eles habitam. Ao tratar das bebidas trazidas pelo garoto, a narrativa apresenta a seguir:

- Quem lhe deu isto?
- Martin, o dono.
- [...]
- Também mandou duas cervejas.
- Eu gosto mais de cerveja de barril.
- Eu sei. Mas as que ele mandou são de garrafa, cerveja Hatuey [...] (Hemingway, 2013, p. 24).

Percebe-se, acima, que Santiago projeta o modelo de cidadão cubano definido pela ordem cultural dos EUA instalada em Cuba. Em contrapartida, Manolin oferece outro tipo de bebida ao velho pescador, a cerveja *Hatuey*, fabricada pelos cubanos, o que sinaliza uma preferência do jovem pelos produtos produzidos na colônia. Aderir a cerveja de barril – peculiar dos hábitos norte-americanos –, ao invés da bebida cubana, expressa uma variação dos interesses do nativo pela cultura nacional, uma tendência visível aos valores do império. Nesse caso, isso revela as alternativas com que o nativo conta para a sua sobrevivência na colônia, em especial no que se refere à adoção dos modos neocoloniais que, do início do século XX até os dias atuais, influenciaram no seu processo de identificação, projetada em identidades culturais variáveis, e isso torna os cidadãos modelos de elementos contingentemente autodefinidos, de forma diversificada e problemática (Hall, 2006).

Outro fator relevante para esta análise está no modo como Santiago exterioriza sua aquisição da cultura colonial quando, ao se localizar em alto-mar, declara: “- Bastará que eu aponte o barco para o sul e poente – disse o pescador. – Um homem nunca se perde no mar e a minha ilha é grande” (Hemingway, 2013, p. 88). Embora soe como um mero conhecimento completo do território, o trecho apresenta uma amostra da ideologia colonial indicada pelo emprego do termo “minha” enquanto uma expressão particular de dominação de uma área territorial, semelhante à proposta política do imperialismo. A respeito disso, essa postura pode ser tratada como um complexo de “colonizabilidade”, condição onde “[...] existe, seguramente – em certo ponto de sua evolução – uma certa adesão do colonizado à colonização. Mas essa aceitação é o resultado da colonização, e não sua causa; ela nasce *depois* e não antes da ocupação colonial” (Memmi, 2007, p. 126, grifo do autor).

No panorama neocolonial norte-americano, os EUA passaram a ser um império cada vez mais presente no cotidiano cubano a ponto de ser a solução para questões diversas da sociedade da ilha, até mesmo as mais simples. É o que evidencia a passagem seguinte, em que Santiago aponta a utilidade de uma ferramenta a mais para facilitar o seu ofício de pescador e que, para a aquisição de tal recurso, uma opção seria “[...] fazer uma lâmina com qualquer chapa de aço de um velho Ford [...]” (Hemingway, 2013, p. 122). Considera-se o termo “Ford” referente a uma das fabricantes de automóveis mais lucrativas dos EUA e um dos mais marcantes símbolos do neoimperialismo norte-americano em nível global nas décadas de 1950/1960. Portanto, utilizar-se de resquícios de bens manufaturados americanos pode indicar a representação narrativa de uma colônia cubana escassa, em contraste com a poderosa nação estadunidense, de modo que essa precariedade era o legado que o governo capitalista impunha aos cubanos, como ironicamente afirma Luiz Bandeira (2009, p. 687) ao realçar que “a escassez e o sacrifício foram solidariamente distribuídos pela população, submetida às mais severas restrições, sem liberdades políticas”.

Mesmo que o velho pescador revele um fascínio pela cultura norte-americana, ele consegue problematizar a idealização constante que o império exerce durante sua rotina no mar. Ao pensar sobre esse comportamento, Santiago censura os próprios pensamentos devido a sua preocupação em obter uma boa isca. Assim, ele declara: “Mas agora não é o momento próprio para pensar em beisebol. Agora só devo pensar numa coisa, aquilo para o que eu nasci [...]” (Hemingway, 2013, p. 43). Assim, distanciar-se dos elementos culturais da metrópole para focar em sua formação enquanto indivíduo é uma estratégia própria do nativo que desenvolve

sua própria “descolonização” mediante a ordem imperial e, conforme Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2007), isso revela as tentativas de distanciamento dos aspectos culturais e institucionais do poder imposto, sejam eles ocultos ou não, o que caracteriza uma forma de resistência do ser humano colonizado contra a hegemonia neocolonial.

Além do mais, a condição de pobreza de Santiago também é uma ferramenta de reflexão acerca dos hábitos adotados pelo pescador para adquirir o grande peixe. Ele é um indivíduo que age em contraste com o modelo norte-americano no que diz respeito ao usufruto dos melhores recursos para o seu próprio desenvolvimento e, por conseguinte, expõe características relativas à ideologia comunista de Cuba, o que se opõe ao capitalismo dos EUA. Em *O velho e o mar*, esse enfoque se materializa quando o enredo expõe os métodos utilizados pelo pescador para o ato de pesca, isto é, o aproveitamento de somente uma isca de peixes pertencentes à espécie de atuns. É o que aponta o seguinte fragmento: “- Albacora, da família dos atuns – falou em voz alta. – Será uma bela isca. Deve pesar pelo menos três quilos” (Hemingway, 2013, p. 42).

Essa característica da condição social de Santiago se amplia para além do seu ofício de pesca, expressa na descrição física do lar do personagem: um ambiente que não continha fogão nem outros eletrodomésticos que servissem de utilidade para a sua sobrevivência, e coube a Manolin a responsabilidade de conseguir artifícios externos para a aquisição de fogo – como lenha – na preparação dos alimentos (Hemingway, 2013). Isso, portanto, denota em Santiago a presença de um sujeito dotado de austeridade e abnegação, em contraponto ao capitalismo praticado pelo sujeito norte-americano comum.

Nessa perspectiva, o protagonista, apesar de não ser um indivíduo apegado aos bens, expressa, de forma indireta, uma crítica aos benefícios que o capitalismo concede a apenas uma parcela da sociedade, enquanto outros são afetados pela escassez de recursos. É o que sugere o discurso de Santiago: “- Se os outros me ouvissem falando sozinho, julgariam que estou louco – disse alto. – Mas, como não estou louco, não me importo. Os ricos têm aparelhos de rádio nos seus barcos para ouvir música e notícias de beisebol” (Hemingway, 2013, p. 43). Verifica-se que umas das principais justificativas apresentadas pelo pescador sobre o seu comportamento é a ausência dos meios de comunicação para usufruir da cultura colonial, simbolizada pelo esporte dos EUA. Portanto, esse fato se associa ao que Plínio Sampaio Júnior (2011) destaca sobre a influência do neoimperialismo dos EUA em nações diversas, de modo que o contexto histórico capitalista sobre essas comunidades provocou mudanças significativas na dimensão econômica, política e sociocultural.

Compreende-se, pois, que esses aspectos conferem o caráter opositor na cultura norte-americana e cubana como uma forma de determinar a diferença e, sobretudo, apresentar uma colônia fragmentada pela ordem neoimperial dos EUA. *O velho e o mar* é um texto literário que exemplifica o contexto da denominação do homem colonizado pelo retrato colonial, cuja crítica se baseia no modelo cultural desagregador do nativo em seu patrimônio, o que confirma a possibilidade de sinais do neocolonialismo norte-americano na constituição da identidade do cubano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O velho e o mar é um romance norte-americano notável na sua essência em ilustrar a condição humana existente em situações efetivas e prováveis no que diz respeito aos limites do indivíduo. Compreender essa narrativa pela releitura pós-colonial é uma estratégia legítima por propor a exposição de aspectos socioculturais existentes nas entrelinhas do texto literário. Logo, é um método de leitura desconstrutivo, aplicável tanto a obras provenientes de autores colonizadores, pertencentes à colônia e simpatizantes da prática colonial, quanto a textos de cidadãos colonizados e que sejam contra as medidas do colonialismo, o que ilustra até que nível as produções podem contradizer suas suposições subjacentes (Ashcroft, Griffiths e Tiffin, 2007).

Portanto, conclui-se que a prosa de Hemingway não é somente uma amostra de um processo de autoafirmação da masculinidade e resistência de seres humanos como o personagem Santiago. É a representação de indivíduos permeados por um sistema que desestabiliza suas formações culturais problematizadas pelas distinções entre império e colônia, ilustrados sequencialmente por EUA e Cuba. Apesar de se tratar de uma ficção, a forma como a narrativa é apresentada ao leitor sugere como o neocolonialismo interfere na identificação do sujeito nativo, de modo que tal cenário realiza um processo de rompimentos e, concomitantemente, de tentativas em consolidar a herança cultural, mesmo que a metrópole amplie seus meios de poder para subjugar os cidadãos de acordo com seus modelos culturais específicos.

De certa maneira, a leitura dessa obra pela teoria pós-colonial permite a extensão dessa proposta analítica para outros textos produzidos pelo autor, contanto que o colonialismo, ou o próprio neocolonialismo, seja um dos fios condutores no desenvolvimento dos decursos

narrativos. Ademais, olhar o texto literário a partir dessa perspectiva constitui um meio de interrogar as diversas expressões culturais de países colonizados que, na maioria das vezes, são ocultas ou, até mesmo, apagadas por regimes liderados por potências mundiais e, nesse viés, a literatura emprega sua habilidade artística em denunciar a ocorrência deste controverso fator contextual.

REFERÊNCIAS

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Post-colonial studies: The Key Concepts**. London: Routledge, 2007.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOEHMER, Elleke. **Colonial and Postcolonial Literatures: Migrant Metaphors**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2005.

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2000.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRUIT, Héctor Hernan. **O imperialismo**. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987.

FANON, Frantz. **A Dying Colonialism**. Translated by Haakon Chevalier. New York: Grove Press, 1965.

GRAY, Richard. **A history of American literature**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEMINGWAY, Ernest. **The Old Man and the Sea**. New York: The Scribner Library, 1952.

HEMINGWAY, Ernest. **As neves do Kilimanjaro e outros contos**. Tradução de Ênio Silveira e José J. Veiga. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

HEMINGWAY, Ernest. **Paris é uma festa**. Tradução de Virgínia Motta. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2000. (Coleção Dois Mundos).

HEMINGWAY, Ernest. **Verdade ao amanhecer**. Tradução de José Lima. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

JOHNSON, Robert. **British Imperialism**. London: Palgrave Macmillan, 2003.

LOPES, José Rogério. **Cultura e Ideologia**. São Paulo: Cabral, 1995. (Série Temas Universitários, n. 2).

MADSEN, Deborah Lea. Introduction: American Literature and Post-colonial Theory. In: MADSEN, Deborah Lea (ed). **Beyond the Borders: American Literature and Post-Colonial Theory**. Sterling: Pluto Press, 2003. p. 1-11.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MIGNOLO, Walter D. **Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking**. United Kingdom: Princeton University Press, 2000.

PAYASLIAN, Simon. **The History of Armenia: From the Origins to the Present**. London: Palgrave Macmillan, 2007.

SAID, Edward Wadie. **Cultura e Imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. Apresentação: Por que voltar a Lênin? Imperialismo, Barbárie e Revolução. In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O imperialismo: etapa superior do capitalismo**. São Paulo: FE/UNICAMP, 2011. p. 7-104.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: Ensaios sobre a dependência cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHOULTZ, Lars. **Estados Unidos: poder e submissão**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: EDUSC, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. v.4. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Coleção Estudos Culturais).

SMITH, Bonnie G. **Imperialism: A History in Documents**. New York: Oxford University Press, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em: Fev. 2024.

Aceito em: Abr. 2024.